



O corpo próprio na semiótica

Maria Goreti Silva Prado *

Resumo: Neste artigo, apresenta-se uma reflexão sobre como o conceito de corpo passou a fazer parte do conjunto epistemológico da teoria semiótica. Com esse propósito, estabeleceu-se um percurso que se iniciou com os estudos referentes às paixões desenvolvidos por Fontanille e por Greimas, em *Semiótica das paixões* (1993), e nas reflexões de Greimas sobre a estesia, em *Da imperfeição* (2002), obras que introduziram a problemática em relação ao conceito de presença, tema que, neste trabalho, será apresentado com base nos estudos desenvolvidos por Fontanille e por Zilberberg, em *Tensão e significação* (2001). Para esses autores, a presença semiótica baseia-se nas interações entre sujeito e sujeito, e entre sujeito e objeto, que ocorrem em um domínio discursivo denominado campo de presença. Jacques Fontanille dedicou grande parte de seus estudos a essas questões, porém, o autor propôs a denominação de campo posicional. Em busca de estabelecer um elo entre a noção de corpo e a de actante, Fontanille considerou que o corpo, operador da semiose, constituiu-se pela carne e pelo corpo próprio. A carne, denominada *moi*, seria a instância enunciante, responsável pela tomada de posição no processo de semiose. O corpo próprio, que o autor designou *soi*, seria portador da identidade que se constrói no processo de semiose e no desenvolvimento sintagmático de cada semiótica objeto. As considerações de Fontanille em relação ao conceito de corpo próprio finalizam o desenvolvimento do tema discutido neste estudo, cujos objetivos foram de refletir sobre a maneira pela qual a noção de corpo foi incorporada à teoria semiótica e de como esse conceito foi tratado pelo autor.

Palavras-chave: Actante, Campo posicional, Corpo próprio, Enunciação, Presença

Introdução

O conceito de corpo é um tema presente em diversas áreas das ciências humanas, como: psicologia, fenomenologia, psicanálise, antropologia, sociologia, entre outras. Cada área aborda o tema de acordo com sua especificidade. A semiótica francesa, que não considera o universo ontológico, interessa-se em investigar o modo em que ocorre a representação discursiva desse conceito.

Desde seus primeiros momentos, o projeto semiótico apresentou-se em constante desenvolvimento. Fundado na década de 1960, por um grupo liderado por Algirdas Julien Greimas, preocupou-se em desenvolver uma metodologia de análise voltada para entender de que maneira ocorre a construção do sentido em qualquer tipo de texto. Por questões metodológicas, seu foco teórico inicial foi direcionado à investigação dos elementos descontínuos. Organizada sob a forma de um percurso gerativo composto por níveis — fundamental, narrativo e discursivo — a metodologia semiótica sempre primou pela coerência de seus conceitos, bus-

cando fazer ajustes em seu quadro teórico quando, em um desses níveis, surgissem instabilidades que comprometessem o todo teórico.

No final da década de 1980, a temática passional, que envolvia os estudos semióticos da época, apontava para a necessidade de um aprimoramento no conjunto epistemológico, culminando no interesse pela investigação dos elementos contínuos que participam da construção do sentido. A partir desses estudos, a noção de corpo, deixada de lado pela semiótica em virtude do desenvolvimento de uma teoria da ação, e por conta do formalismo e do logicismo que imperou na linguística estrutural dos anos de 1960, ocupou lugar de destaque na teoria.

Pretende-se neste trabalho, primeiramente, refletir sobre a incorporação do conceito de corpo na epistemologia semiótica. Para tanto, buscou-se traçar o percurso do desenvolvimento teórico tomando como ponto de partida os estudos desenvolvidos em *Semiótica das paixões* (1993), em que seus autores, Fontanille e Greimas, consideraram que os diferentes tipos de relação conjunta — conjunção, disjunção e seus desdobramentos

* Universidade Estadual Paulista (UNESP/CAMPUS DE ARARAQUARA). Endereço para correspondência: (magoreti.silva@gmail.com).

não-conjunção e não-disjunção - definiram os modos de existência do percurso do sujeito narrativo, e que a categoria não-disjunção definiu o quarto modo de existência, o potencial, considerado um lugar imaginário pelo qual a noção de corpo incorporou-se à teoria semiótica, possibilitando um novo domínio de investigação, o do universo perceptivo.

Em um segundo momento, a reflexão direciona-se aos estudos elaborados por Jacques Fontanille (2011)¹ sobre a noção de corpo. Nesses estudos, o autor propôs que se examinasse o conceito de actante a partir da noção de corpo. Sua proposta consistiu em atribuir duplo estatuto ao conceito de corpo, ou seja, uma parte corporal, que incide sobre a instância denominada *moi*, responsável pela força de impulsão e pelo centro de referência do campo discursivo; e uma parte formal, incidindo sobre a instância chamada de *soi*, que orienta, dirige, inventa e identifica as identidades discursivas.

1. Modos de existência e a incorporação do conceito de corpo em Semiótica

Desde seu início, a semiótica é considerada um projeto e não uma disciplina constituída. Inicialmente privilegiou-se o desenvolvimento da sintaxe narrativa, sendo seu elemento principal, o enunciado. Isso justificou o fato de a descontinuidade dos efeitos de sentido ter sido privilegiada naquele momento.

O próximo passo do desenvolvimento teórico da semiótica relacionou-se à sobredeterminação do ser e do fazer, ou seja, às modalidades, que constituíram a semântica do nível narrativo. Os estudos sobre as modalidades, na década de 1970, permitiram descrever as etapas que antecediam e sucediam a ação do sujeito. De acordo com os dois tipos de enunciados elementares — de estado e de fazer, a semiótica postulou a existência de dois tipos de sujeitos: sujeito de estado, definido pela relação de junção; e sujeito do fazer, definido pela relação de transformação. As modalizações incidem tanto sobre o sujeito do ser, atribuindo existência modal ao sujeito de estado, como sobre o sujeito do fazer, sendo a responsável pela competência modal do sujeito do fazer. A partir dos estudos referentes às modalidades, tornou-se possível explicar os efeitos passionais nos discursos. As seguintes palavras de Fontanille confirmam essa afirmação, pois para ele “Do ponto de vista da história da Semiótica do discurso, a teoria das modalidades foi o primeiro passo na direção de uma Semiótica das paixões [...]” (Fontanille, 2007, p. 184).

No livro *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*, publicado em 1993 no Brasil, dois anos após seu lançamento na França, Fontanille

e Greimas apontam para o fato de que uma teoria que visa a objetivos científicos e que é organizada hierarquicamente na forma de percurso gerativo, como acontece com a semiótica, está sujeita a ter de fazer ajustamentos epistemológicos, sempre respeitando a coerência teórica, quando, em seus níveis, apareçam instabilidades que possam repercutir em todo seu conjunto. Os autores destacam que:

O fato de considerar o componente passional do discurso conduz a tais ajustamentos que ressoam até nos patamares mais profundos da teoria semiótica. A partir daí, tratar-se-á de remontar progressivamente à superfície, verificando a validade das premissas e dos instrumentos metodológicos (Fontanille; Greimas, 1993, p. 20).

A semiótica dedicou grande parte de seus esforços iniciais ao nível narrativo. Por conta disso, ele é considerado ainda hoje o mais sólido no conjunto da teoria. Desenvolvido progressivamente, esse nível buscou a coerência de seus conceitos em um patamar mais profundo, isto é, foi a seu nível epistemológico questionar sobre suas precondições para, em seguida, compreender sua manifestação discursiva. Nesse sentido, o fazer do sujeito narrativo, na dimensão *ab quo*, reduziu-se ao conceito de transformação. Em consequência, o desenvolvimento narrativo caracterizou-se pela sua “transformacionalidade”, e a sintaxe narrativa tornou-se a representação mais concreta das primeiras articulações da significação.

Nesse estágio da teoria, foram os fatores descontínuos, responsáveis pela construção do sentido, que foram privilegiados. Essa configuração caracterizou a relação conjunta, base de toda a semiótica greimasiana. Segundo Fontanille e Greimas, “Trata-se [...] de um modelo epistemológico clássico, que põe em relação um sujeito conhecedor, enquanto operador, em face das estruturas elementares como espetáculo do mundo cognoscível” (Fontanille; Greimas, 1993, p. 10).

O questionamento epistemológico pós-*Semiótica das paixões* foi em relação às condições prévias do fazer do sujeito narrativo, pois, se ele é capaz de executar uma ação, é porque possui competência para tal, portanto, a questão que surgiu foi: *em que consiste uma competência modal e qual é seu modo de existência?* A Linguística definiu competência modal como “aquilo que faz ser”. A semiótica, baseando-se nesse princípio, considerou competência modal aquilo que torna possível a execução de um programa narrativo virtual, ou seja, é a condição prévia à execução do fazer do sujeito. O modo de existência também originou, em parte, dos estudos linguísticos. A Linguística, preocupada em

¹Essa obra de Jacques Fontanille é uma reformulação dos conceitos já apresentados em *Soma et Séma* (2004).

manter sua posição de “objeto científico autônomo”², baseando-se na distinção saussuriana entre *langue* e *parole*, distinguiu dois modos de existência para o objeto que analisa:

[...] a primeira, a existência virtual*, característica do eixo paradigmático* da linguagem, é uma existência *in absentia*; a segunda, a existência atual, própria do eixo sintagmático, oferece ao analista os objetos semióticos *in praesentia*, parecendo, com isso, mais “concreta”. A passagem do sistema* ao processo*, da língua ao discurso*, denomina-se processo de atualização*. (Courtés; Greimas; 2008, p. 195).

A semiótica, preocupada com o estatuto do sujeito do fazer, reconheceu para a fala saussuriana um terceiro modo de existência, o realizado, como nos esclareceu Courtés e Greimas ao declarar que “forçoso nos é, portanto, reconhecer um terceiro modo de existência semiótica, que se apresenta como a manifestação discursiva, devido à semiose*, o da existência realizada”

(Courtés; Greimas, 2008, p. 195). Assim, considerando a interpretação narrativa, foram estabelecidos três modos de existência para o percurso do sujeito narrativo: o virtualizado, o atualizado e o realizado, portanto, o percurso dos modos de existência na semiótica foi determinado pela relação juntiva.

No quadro teórico da semiótica, definiu-se junção de duas maneiras: sintagmaticamente, como a relação que une sujeito e objeto; paradigmaticamente, como categoria semântica, cujos termos foram denominados conjunção e disjunção, que se desdobram, respectivamente, em não-conjunção e não-disjunção. Nesse sentido, sujeito e objeto só existem em relação um com o outro, ou seja, antes da junção, sujeito e objeto são considerados virtuais; depois, dependendo do caráter disjuntivo ou conjuntivo da relação, sujeito e objeto em disjunção são considerados atualizados; após a conjunção, tornam-se sujeito e objeto realizados. Na Figura 1, reproduziram-se, em um quadrado semiótico, as categorias semânticas da junção e os modos de existência do sujeito narrativo.

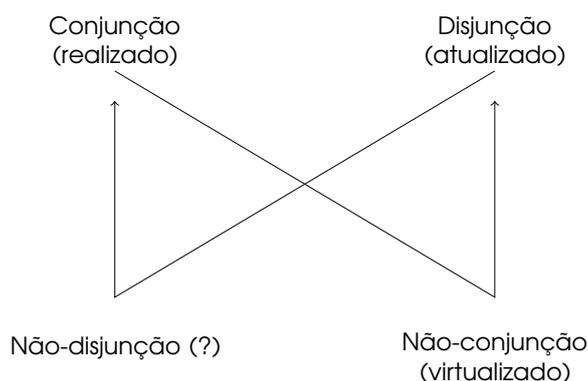


Figura 1
Modos de existência e categorias juntivas
conforme o *Dicionário de Semiótica*
(2008)

Notou-se que o lugar da “não-disjunção” ainda não havia sido preenchido por um modo de existência do sujeito. O quarto modo de existência, que foi denominado “potencializado”, não constava no *Dicionário de Semiótica*. Ele foi considerado, posteriormente, em *Semiótica das paixões*, no qual os autores, levando em conta as categorias semânticas da junção, reconheceram a existência de uma quarta posição, o modo de existência “potencializado”, que, por dedução, preencheu a quarta posição no inventário dos modos

de existência, sendo considerado um “lugar” hipotético, imaginário. De acordo com Fontanille e Greimas,

Como os modos de existência do sujeito da sintaxe de superfície definem-se em função de sua posição no seio da categoria da junção, pode-se considerar que a “não-disjunção” define, também ela, uma posição e um modo de existência do sujeito que não teriam sido levantados até o presente. Propõe-se deno-

²Estatuto conquistado após Saussure (1971) definir a língua como objeto de estudo linguístico.

minar esse papel “sujeito potencializado”, na medida em que ele resulta de uma negação do sujeito atualizado e é pressuposto pelo sujeito realizado. (Fontanille; Greimas, 1993, p. 52-53).

Com base nisso, os quatro modos de existência do sujeito narrativo e as categorias semânticas disjunção e conjunção, e seus desdobramentos não-disjunção e não-conjunção foram representados na forma do quadrado semiótico, conforme a Figura 2.

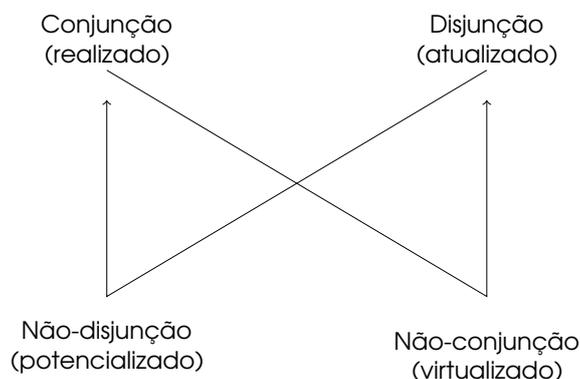


Figura 2
Modos de existência do sujeito narrativo
com acréscimo do potencializado

A sequência dos modos de existência - virtualizado, atualizado, potencializado e realizado - diz respeito ao sujeito narrativo, mas pode ser transposta para o sujeito epistemológico, já que ambos decorrem da distinção entre as instâncias *ab quo* e *ad quem*, que descrevem o percurso narrativo e o percurso da construção teórica ao mesmo tempo. Em relação ao percurso da construção teórica, Fontanille e Greimas (Fontanille, 1993, p. 138) reconhecem uma fase de tensividade fórica localizada entre o nível de discretização e o de categorização e o nível epistemológico, em que o sujeito epistemológico se encontra prefigurado por um “quase-sujeito”, que interage com uma “sombra de valor”. Tatit esclarece que:

Para propor esse estágio pré-cognitivo, a semiótica teve de conceber um sujeito e um objeto ainda despidos de traços categoriais e mesmo de definições funcionais, como se esses elementos ainda oscilassem, nesta fase, entre a indeterminação dos papéis — espécie de fusão num todo unitário — e a possibilidade de cisão e formação categorial das funções. Os autores de *Semiótica das paixões* falam então de um “quase-sujeito” em interação com uma “sombra de valor”, como se pairasse, em profundidade, um pressentimento das atrações posteriormente modalizadas (Tatit, 2008, p. 37-38).

Após os processos de discretização e de categorização, esse “quase-sujeito” é convertido em sujeito conhecedor. A incorporação da sintaxe narrativa de superfície permite a conversão desse sujeito conhecedor em sujeito de busca. Por fim, a última fase é a da convocação dos elementos tratados nos níveis anteriores, que dá origem ao sujeito que discorre. O procedimento de conversão é reservado ao percurso gerativo, o de convocação é reservado à colocação em discurso tanto dos elementos do nível semionarrativo como das variações da tensividade fórica.

A passagem do sujeito da busca para o sujeito que discorre depende da práxis enunciativa, entendida como instância de mediação entre as instâncias semionarrativas e discursivas, cujo responsável é o sujeito potencializado. De acordo com as pressuposições que regem o percurso dos modos de existência apresentadas por Fontanille e Greimas:

[...] o sujeito que discorre é o da instância *ad quem*, ele é dito *realizado*, pois cumpriu a totalidade do percurso até a *performance* discursiva. O sujeito de busca, situado no nível das estruturas semionarrativas de superfície, é dito *atualizado*; ele pressupõe o sujeito conhecedor, o que instala as ‘estruturas elementares’, termo *ab quo* do percurso gerativo, e que pode ser considerado, por isso mesmo, como *virtualizado*. (grifo do autor)

(Fontanille; Greimas, 1993, p. 138).

De acordo com o exposto, representam-se, na forma

do quadrado semiótico (ver Figura 3), os modos de existência do sujeito narrativo e do sujeito epistemológico.

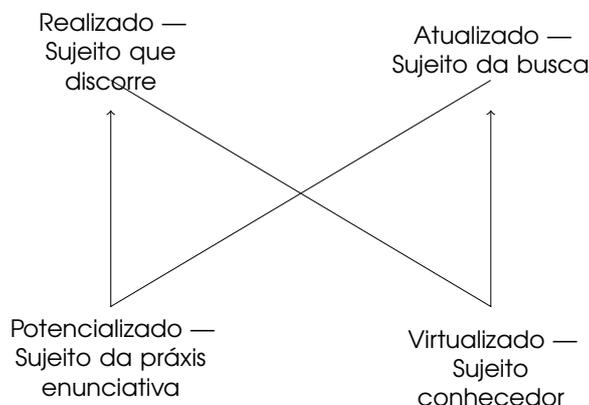


Figura 3

Modos de existência do sujeito narrativo e do sujeito epistemológico

Nessa perspectiva, a potencialização corresponderia a uma porta aberta no percurso narrativo para a entrada do imaginário e do universo passional e é a responsável pelo impulso necessário para que o sujeito passe da competência à performance. É o que nos esclarecem Fontanille e Greimas ao declarar que:

[...] o sujeito potencializado representaria, no percurso da construção teórica, a única instância em que o corpo teria direito de cidadania, como constitutivo dos efeitos de sentido. A existência semiótica que resulta de uma mutação interna dos produtos da percepção — o exteroceptivo engendra o interoceptivo por intermédio do proprioceptivo — guarda a memória do corpo próprio. Quando discretizada e categorizada, ela só retém vestígio do proprioceptivo na polarização da massa tímica em euforia/disforia. Só a enunciação, pela potencialização do uso, poderá de novo solicitar o “sentir” e o corpo enquanto tais. (Fontanille; Greimas, 1993, p. 139).

Em estudos posteriores, Joseph Courtés (1998) e Fontanille e Zilberberg (2001) reestruturaram os modos de existência no quadrado semiótico.

2. A reorganização dos modos de existência no quadrado semiótico, pós- *Semiótica das paixões*

Joseph Courtés (1998) propõe uma explicação ao modelo apresentado por Fontanille e por Greimas (1993). Ele esclarece que é o ato de enunciação que permite ao enunciador passar da virtualização, instauração do sujeito, à atualização, qualificação do sujeito; e depois, da potencialização à realização, que produz o objeto semiótico, ao mesmo tempo em que permite a realização do sujeito. Esse modelo tenta unir as modalidades do ser (potencializantes e realizantes) e do fazer (virtualizantes e atualizantes) que, à primeira vista, não podem ser isotópicas, muito embora não se possa afirmar que sejam absolutamente heterogêneas. Há, entre elas, complementaridade e, em alguns casos, sobredeterminação, procedimentos que, de certa maneira, aproximam-nas. A questão que Courtés coloca, relaciona-se à possibilidade de construir-se um quadrado semiótico das modalidades. Para ele, isso é possível, não com as modalidades potencializantes, mas com as determinantes, que impulsionam a “passagem ao ato”, impedindo que o ator oculte-se a seu destino, que se afaste do percurso que o conduz à realização. As modalidades determinantes seriam mais da ordem do “precisar fazer” e não do /não poder não fazer/. Essa modalidade “determinante” (tida como uma fatalidade) é, por definição, de natureza impessoal, exterior ao sujeito que ela modaliza, mas de que, de alguma maneira, esse sujeito não pode se afastar. (Courtés, 1998, p. 25) propõe, para as modalidades, um esquema (ver Figura 4) cujo percurso efetuado pelo sujeito obedece às indicações das setas:

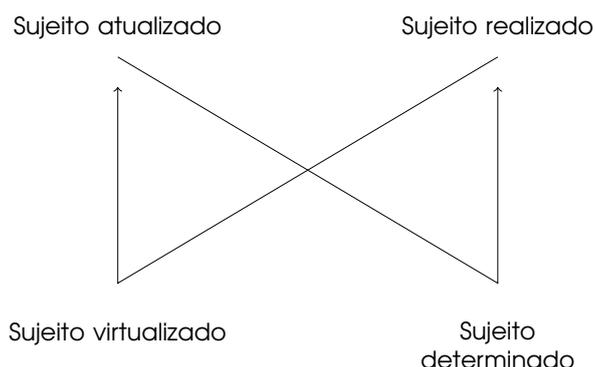


Figura 4
Esquema das modalidades, segundo
Courtés (1998)

Em *Tensão e significação*, Fontanille e Zilberberg (2001, p. 58) também introduzem uma modificação, essa mais radical, na correspondência dos modos de existência apresentados em *Semiótica das paixões* (ver Figura 5). Para esses autores, a atualização, antes

considerada disjuntiva, passa a ocupar a posição da não-disjunção. A potencialização passa à posição da não-conjunção. Conseqüentemente, a virtualização é tida como disjuntiva.

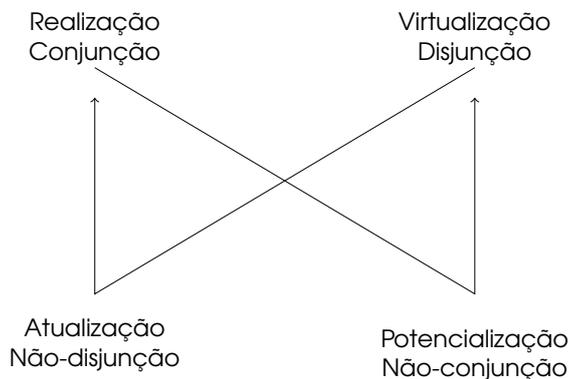


Figura 5
Modos de existência conforme *Tensão e significação* (2001)

Para Fontanille e Zilberberg, essa mudança fez-se necessária,

[...] na medida em que (i) a acepção linguística mais corrente da atualização é a de uma “subida” das estruturas virtuais em direção à manifestação e, por conseguinte, em direção à realização, e (ii) a potencialização, principalmente pelo efeito da práxis enunciativa, conduz a um retorno das formas do uso para o sistema ou, pelo menos, a uma memória es-

quemática que fica em seu lugar.”(Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 58).

Os autores ainda reforçam essa posição em uma nota de rodapé inserida na obra citada:

Como já mencionamos e justificamos no capítulo “Valor”, não retomamos nem a formulação de *Semiótica das paixões* nem a do *Dicionário de semiótica*: na realidade, considerar a atualização como disjuntiva no discurso, é se servir de um emprego contra-intuitivo

desse termo e colidir com sua significação epistemológica (cf. Greimas & Courtés: “a existência atual, própria do eixo sintagmático, oferece ao analista os objetos semióticos *in praesentia*, parecendo, com isso, mais ‘concreta’.”, *Dicionário de semiótica*, p.172). Se as palavras possuem um sentido, a atualização está a um passo da realização, ou seja, situa-se, como termo complementar, na mesma dêixis que esta e nunca em posição contrária. (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 134).

3. Dos modos de existência aos modos de presença

Ao reboque dos caminhos abertos pela introdução do conceito de modo de existência potencial, a problemática da presença semiótica inicia-se com os estudos das paixões desenvolvidos no início da década de 1980, mas, é a partir da edição de *De l'Imperfection* (1987)³, que podemos notar que o interesse por essa questão toma maiores proporções, pois, seu autor, A. J. Greimas, apresenta um trabalho cujo tema geral era a “estesia”. A publicação do livro causou certo espanto entre os que estavam acostumados com os trabalhos científicos que, até então, Greimas havia produzido. Como uma das provas do impacto causado pela última obra de Greimas enquanto autor único, citamos a obra intitulada *Semiótica, estesis, estética* (1999), em que autores de diferentes nacionalidades expressam as reflexões que fizeram a partir da leitura de *De l'Imperfection*. Porém, depois da “poeira assentada”, os estudiosos da Semiótica reconheceram que a obra era decorrência dos estudos sobre as paixões desenvolvidos no início da década de 1980. A partir de então, o componente sensível foi, cada vez mais, incorporando-se à epistemologia semiótica. Segundo Jacques Fontanille (1999, p. 216), “A maioria das inovações teóricas e metodológicas, que estão em germe nesse pequeno livro, [...], convergem, dez anos mais tarde, para a questão da presença”. (Tradução nossa)⁴.

Em 1998, foi publicada, na Bélgica, a obra *Tensão e significação*⁵, de Fontanille e Zilberberg. No “Prólogo” da obra, os autores declaram que o ponto de vista apresentado no livro:

[...] não pretende substituir a semiótica ‘clássica’, de onde provém, e cujos ‘estandartes’ são o quadrado semiótico e o esquema narrativo canônico [...] este trabalho procura situá-la, ao mesmo tempo em que se situa a si próprio: situá-la e situar-se como uma das

semióticas possíveis, no seio de uma semiótica geral ainda por construir. (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 9).

Concebido, a princípio, como um dicionário, aos poucos, o livro tornou-se uma espécie de tratado, e os verbetes transformaram-se em capítulos. No capítulo intitulado “Presença”, os autores complementam a definição do conceito, apresentada no *Dicionário de Semiótica* (Greimas; Courtés, 2008, p. 382) como “[...] uma determinação atribuída a uma grandeza*, que a transforma em objeto de saber* do sujeito cognitivo [...]”, ao reconhecer que a relação cognitiva entre sujeito e objeto é a base perceptiva da apreensão da significação, atribuindo ao ato perceptivo, prioridade na organização do processo de significação. Dessa forma, Fontanille e Zilberberg estabelecem um elo entre a semiótica e a Fenomenologia, principalmente em relação às reflexões de Merleau-Ponty (1999), que desenvolve o conceito de “campo de presença”, definindo-o em termos dêiticos, ou seja, para ele, a percepção nos dá “[...] um ‘campo de presença’ no sentido amplo, que se estende segundo duas dimensões: a dimensão aqui-ali, e a dimensão passado-presente-futuro.” (Merleau-Ponty, 1999, p. 357). A semiótica apropria-se dessa noção para definir o espaço-temporal em que se dá a relação entre sujeito e objeto, na qual a construção da identidade do sujeito está em constante *devoir*.

O conceito de presença não é novo em semiótica. Ele já pertencia à metalinguagem da teoria desde meados dos anos 1970, definido por Courtés e Greimas, como:

[...] uma determinação atribuída a uma grandeza*, que a transforma em objeto de saber* do sujeito cognitivo. Tal aceção, essencialmente operatória*, estabelecida no quadro teórico da relação transitiva* entre o sujeito do conhecimento e o objeto cognoscível, é muito ampla: estão presentes, neste caso, todos os objetos de saber possíveis e a presença identifica-se em parte, com a noção de existência* semiótica. (Greimas; Courtés, 2008, p. 382-383).

A questão agora não é mais saber se o sujeito está disjunto ou conjunto com o objeto valor, mas, é identificar os instantes efêmeros em que a presença do objeto impõe-se ou revela-se inesperadamente. Para Fontanille, “[...] antes de compreender ou de interpretar o ato como uma transformação, o sujeito do discurso sente a eficiência, percebe uma modificação do fluxo de suas sensações e de suas impressões, em

³A obra que consta nas “Referências bibliográficas” é a publicação brasileira de 2002.

⁴No original: «La plupart des innovations théoriques et méthodologiques qui sont en germe dans ce petit livre, [...], convergent, dix ans après, vers la question de la présence.» (Fontanille, 1999, p. 216).

⁵A obra que consta nas “Referências bibliográficas” é a publicação brasileira de 2001.

suma, uma modulação de presença” (tradução nossa)
⁶ (Fontanille, 1999, p. 9).

Fontanille e Zilberberg (2001), em *Tensão e significação*, apropriam-se da reformulação elaborada pela Fenomenologia em relação à categoria presença/ausência, principalmente dos estudos desenvolvidos por Merleau-Ponty (1999), em que o filósofo francês a define em termos de “aparecimento e desaparecimento”, ou seja, como “ ‘entes’ sensíveis [que] se destacam do ‘ser’ subjacente, e depois retornam a ele” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 123). Todavia, não se trata de integrar tais noções fenomenológicas ao discurso, mas de questionar como o discurso, em ato, esquematiza tais noções. Para esses autores, o par presença/ausência integra uma configuração perceptiva anterior à categorização, o que os leva a entender que esse procedimento prefigura o aparecimento da enunciação. A enunciação, ato que produz a “função semiótica”, é a primeira tomada de posição de um corpo que sente no centro de um determinado espaço perceptivo, a fim de estabelecer a significação, portanto, ao enunciar-se, a instância do discurso “torna-se presente”.

Desse modo, Fontanille e Zilberberg (2001) atrelam a noção de presença à de enunciação e consideram as dimensões enunciativas actancial, temporal e espacial como categorias tensivas, o que significa considerar essas três categorias em um grau maior de abstração.

Os autores procuram esquematizar a semiótica da presença sob a forma de uma estrutura tensiva, isto é, morfológicamente, o campo de presença, considerado uma configuração perceptiva, é constituído por um centro dêitico (sujeito/objeto) e delimitado pelo alcance espaço-temporal do ato perceptivo, sendo essas suas propriedades topológicas mínimas. A variação entre a presença e a ausência, ou seja, os “aparecimentos e desaparecimentos” no campo perceptivo resultam em modulações que podem ser expressas tanto em termos de intensidade das percepções entre sujeito e objeto como em relação à extensão dos objetos percebidos, que representam as determinações tensivas do campo.

Jacques Fontanille (2011), na continuidade de seus estudos, ao desenvolver o conceito de corpo, propõe um aprofundamento da noção de campo de presença apresentada em *Tensão e significação* (2001). O autor, tomando por base a noção de campo posicional elaborada por Benveniste (1976), define e apropria-se do termo para denominar o espaço tensivo.

⁶No original: «[...] avant de comprendre ou d’interpréter l’acte comme une transformation, le sujet du discours en ressent l’effcience, perçoit une modification du flux de ses sensations et de ses impressions, en somme, une modulation de la présence» (Fontanille, 1999, p. 9).

⁷No original «Ces deux conceptions ne sont pas incompatibles, puisque les propriétés d’impulsion et de résistance corporelles participent aux régularités syntagmatiques qui associent un actant à une classe de prédicats narratifs» (Fontanille, 2011, p. 12).

4. O campo posicional e a noção de corpo

A esquematização do campo posicional, elaborada por Jacques Fontanille (2007), baseia-se, parcialmente, nas reflexões de Benveniste sobre o campo posicional do sujeito definido como:

[...] um conjunto de três referências que, cada uma à sua maneira, situam o sujeito relativamente ao processo e cujo agrupamento define aquilo a que se poderia chamar o campo posicional do sujeito: a pessoa [...]; o número, segundo seja individual ou plural; finalmente a diátese, segundo seja exterior ou interior ao processo (Benveniste, 1976, p. 190).

Fontanille reconhece, nessa definição, as categorias mais gerais constitutivas do campo posicional na Semiótica, tais como: actantes, quantidade e orientação discursiva. Porém, esclarece que é prematuro falar em sujeito já que se trata de “[...] um actante que só sente a intensidade e a extensão de uma presença e a proximidade ou a distância dos horizontes”. (grifo do autor) (Fontanille, 2007, p. 103).

Para entender como é constituído o campo posicional do discurso na Semiótica é preciso, antes, entender como se funda a significação. Segundo Fontanille (2007), partindo da definição elementar de que a construção da significação baseia-se na união de um plano do conteúdo com um plano de expressão, a união desses dois planos resulta na “função semiótica” definida por L. Hjelmslev (1975) como uma solidariedade entre expressão e conteúdo, ou seja, como uma interdependência entre os dois termos. A enunciação, ato que produz a “função semiótica”, é a primeira tomada de posição para estabelecer a significação. Segundo Fontanille, quem realiza esse ato é o “corpo próprio”.

Buscando construir o conceito de actante a partir da noção de corpo, Fontanille (2011) propõe que não se examine apenas o que se passa com o actante conhecido como uma regularidade sintagmática, calculável a partir dos argumentos recorrentes a uma classe predicativa, como acontece na Semiótica “clássica”, mas, que também o considere como um corpo constituído de uma carne e de uma forma corporal. Esse corpo é considerado o centro e o condutor das impulsões e das resistências responsáveis pelos atos transformadores dos estados de coisas que animam os percursos das ações. “Essas duas concepções não são incompatíveis, visto que as propriedades de impulsão e de resistência corporais participam das regularidades sintagmáticas que associam um actante a uma classe de predicados

narrativos.”(tradução nossa) (Fontanille, 2011, p. 12)⁷

Em busca de seu propósito, de estabelecer um elo entre a noção de corpo e de actante, Fontanille parte de uma primeira divisão, ou seja, para ele, o conceito de corpo divide-se em: carne e corpo próprio. A carne, substância material dotada de energia transformadora, seria a instância enunciante “por excelência”, atuando como força de resistência e de impulsão, responsável pela tomada de posição no processo de semiose. A carne seria também a instância de referência a partir da qual o campo discursivo organiza-se. O corpo próprio seria o portador da identidade que se constrói no processo de semiose e no desenvolvimento sintagmático de cada semiótica objeto, principalmente no espaço e no tempo. Por convenção, o autor denomina a carne, *moi*; e, o corpo próprio, *soi*. O *moi* é a parte do actante a quem o *soi* se refere à medida que se

constrói. Isso significa que o *soi* busca no *moi* a reflexividade necessária para construir sua identidade. O *soi* é a parte do actante que o *moi* projeta para se construir. Portanto, as duas instâncias pressupõem-se mutuamente.

O *soi* é a instância responsável pela construção do “eu” (identidade) no discurso. Essa construção pode acontecer de duas maneiras: por repetição, recuperação e similitude configurando a identidade dos papéis, definido como *soi-idem*, cujas operações são regidas pela apreensão, dimensão da extensão, espacializante; ou, por manutenção ou permanência de um movimento em uma mesma direção, correspondendo à identidade das atitudes, denominado *soi-ipse*, em que as operações são regidas pela visada, dimensão da intensidade, temporalizante. Para melhor visualização das divisões estabelecidas por Fontanille no conceito de corpo (ver Figura 6), elaboramos o seguinte esquema:

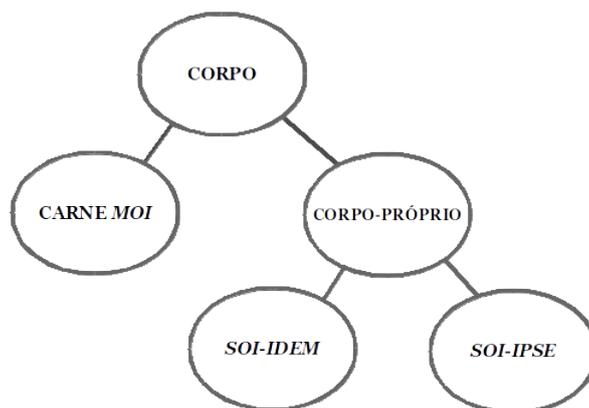


Figura 6

Primeira e segunda divisões no conceito de corpo

As três operações básicas da Semiótica: (i) tomada de posição e referência, (ii) apreensão e (iii) visada são homólogas das instâncias *moi-chair*, *soi-idem* e *soi-ipse*, que constituem as tipologias da posição (*moi*) e das identidades actanciais (*soi*) da instância do discurso.

Baseando-se nas tensões entre essas instâncias, Fontanille estabelece três zonas de correlações que definem e caracterizam três tipos de esquemas regulares: coesão, coerência e congruência. A coesão de uma ação resulta do confronto entre a movimentação do *moi-chair* e o princípio de repetição que caracteriza o *soi-idem*; a coerência repousa sobre a direção das movimentações do *moi-chair* estabelecida pelo princípio de visada permanente (tensão teleológica), que caracteriza o *soi-ipse*; e, a congruência de determinada ação procede do equilíbrio entre os dois modos do *soi*, ou seja, da repetição dos papéis de um lado, e, de outro,

da permanência da visada. De acordo com o predomínio das zonas de correlações, teríamos a produção de textos coesos, coerentes ou congruentes.

As zonas de correlações apresentadas permitem que Fontanille elabore uma tipologia dos atos discursivos, que consiste nas diferentes correlações tensivas entre valências fracas, no centro do esquema, no qual o ato praticamente não acontece por falta de pressão e de impulsão do *moi* ou do *soi*; e, valências fortes, ao redor do esquema. A tipologia subdivide-se em três tipos segundo sejam dominadas pelo *moi-chair*, *soi-idem* ou *soi-ipse*.

O domínio do *moi-chair* é chamado de zona de esquema de emergência axiológica. O *moi-chair* toma a iniciativa e impõe-se como instância de referência diante da repetição e da similitude característica do *soi-idem* e das tensões teleológicas do *soi-ipse*. Ao

enfraquecer a apreensão do *soi-idem* e a visada do *soi-ipse*, o *moi-chair* enfraquece o sistema de valores vigentes tornando possível uma reorganização axiológica.

A zona em que o *soi-idem* domina é a da programação do corpo actante. A identidade do *soi-idem*, definida por repetição e por similitude, controla, ao mesmo tempo, as tensões individualizantes do *moi-chair* e as tensões teleológicas do *soi-ipse*. Dessa forma, coloca em evidência uma especialização restritiva do corpo actante, definindo seu papel dentro do percurso por meio da apreensão. É a zona da eficiência e da economia

narrativa.

Por último, a zona que o *soi-ipse* domina é a da construção em *devenir* do corpo actante. A tensão teleológica do *moi-ipse* atua, ao mesmo tempo, sobre as tensões individualizantes do *moi-chair* e sobre as exigências de repetição e similitude do *soi-idem*. O percurso da construção da identidade do actante pertencente à zona de prevalência do *soi-ipse* resulta de uma visada e de uma atitude. É a zona da ética narrativa. Sintetizamos na Figura 7 a tipologia dos atos discursivos:

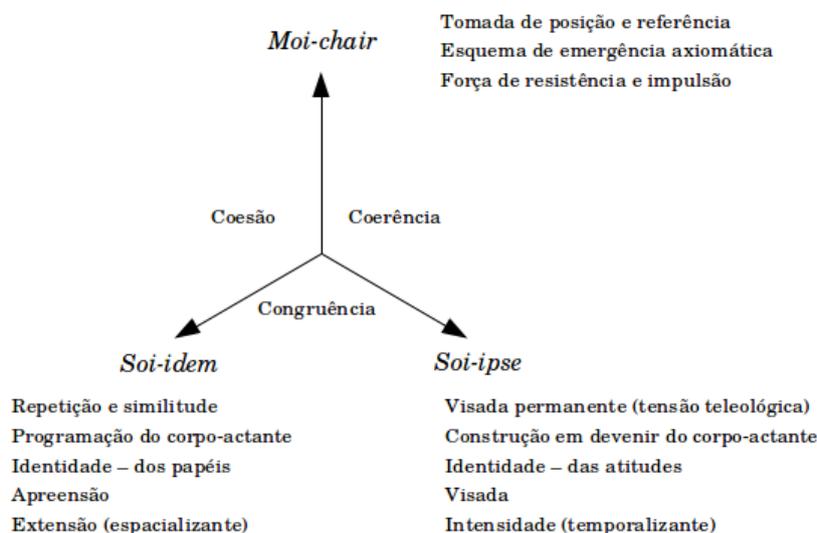


Figura 7
Tipologia dos atos discursivos

Em suma, a tipologia elaborada por Fontanille propõe uma organização textual levando em consideração a predominância de um ou de outro regime narrativo, ou mesmo a presença simultânea de mais de um regime no interior de um mesmo texto.

Devido à lógica das pressuposições, que imperou na semiótica da ação, não houve a necessidade de considerar-se o conceito de corpo no quadro epistemológico da teoria entre os anos de 1960 e 1980. Porém, com a introdução da temática passional, desenvolvida na década de 1980, tornou-se necessário revisar o conjunto teórico e, principalmente, de considerar o corpo como operador da semiose. Desde então, a problemática da presença despertou grande interesse nos pesquisadores da semiótica.

Os estudos desenvolvidos por Jacques Fontanille, primeiramente em *Soma et Séma* (2004) e, posteriormente, reformulados em *Corps et Sens* (2011), constituem um aprofundamento do conceito de campo de

presença. O autor denomina esse espaço tensivo de campo posicional.

As instâncias *moi* e *soi* constituem os dois tipos de propriedades elementares do campo posicional, ou seja, as determinações topológicas, como: centro de referência, instituído pelo corpo sensível (*moi-chair*) e os horizontes do campo; e as determinações tensivas, que correspondem à profundidade, resultante da modulação entre o centro e os horizontes, e aos graus de intensidade e de extensão perceptivas, próprios a essa profundidade.

A reflexão semiótica apresentada neste estudo, reconstruindo o caminho percorrido pelos semiotistas nas diferentes etapas da teoria em relação ao conceito de corpo, buscou demonstrar o elo entre esses estágios teóricos, culminando em uma reescrita da proposta elaborada por Fontanille em 2004 e reformulada em 2011. ●

Referências

- Benveniste, Émile.
1976. *Problemas de linguística geral I*. Tradução Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Courtés, Joseph
1998. *L'énonciation comme acte sémiotique*. *Nouveaux actes sémiotiques*, Limoges: Pulim, 58-59, n. 114, p. 7-60.
- Dorra, Raúl; Landowski, Eric; Oliveira Ana Claudia
1999. *Semiótica, estesis, estética*. São Paulo: EDUC - UAP.
- Fontanille, Jacques; Greimas, Algirdas Julien
1993. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. Tradução Maria José Rodrigues Coracin. São Paulo: Ática.
- Fontanille, Jacques; Zilberberg, Claude
2001. *Tensão e significação*. Tradução Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Humanitas.
- Fontanille, Jacques
1999. De la sémiotique de la présence à la structure tensive. In: Dorra, Raúl; Landowski, Eric; Oliveira, Ana Claudia. *Semiótica, estesis, estética*. São Paulo: EDUC - UAP, 1999, p. 213-239.
- Fontanille, Jacques
2004. *Soma et Séma*. Paris: Maisonneuve & Larose.
- Fontanille, Jacques
2007. *Semiótica do discurso*. Tradução Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto.
- Fontanille, Jacques
2011. *Corps et sens*. Paris: Puf.
- Greimas, Algirdas Julien
2002. *Da imperfeição*. Tradução Ana Claudia Oliveira. São Paulo: Hacker Editores.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph
2008. *Dicionário de semiótica*. Tradução Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto.
- Hjelmslev, Louis
1975. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva.
- Landowski, Eric; Oliveira, Ana Claudia
1995. *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: EDUC.
- Mancini, Renata Ciampone
2006. *Dinamização nos níveis do percurso gerativo: canção e literatura contemporânea*. São Paulo, 2006. 191 f. Tese de doutorado em semiótica e linguística Geral - São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Merleau-Ponty, Maurice
1999. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes.
- Saussure, Ferdinand de
1971. *Curso de linguística geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blickstein. São Paulo: Cultrix.
- Tatit, Luiz
2008. *Musicando a semiótica*. 2. ed. São Paulo: Annablume.

Dados para indexação em língua estrangeira

Prado, Maria Goreti Silva
Le corps propre en sémiotique
Estudos Semióticos, vol. 9, n. 1 (julho de 2013)
ISSN 1980-4016

Résumé: *Dès ses premiers instants, la sémiotique greimassienne apparaît en évolution constante. Fondée au cours des années 1960 par un groupe dirigé par Algirdas Julien Greimas, elle s'est attachée à développer une méthodologie d'analyse orientée vers la compréhension de la construction du sens dans tout type de texte. Pour des raisons méthodologiques, la préoccupation théorique initiale était tournée vers la recherche des éléments discontinus. Organisée sous la forme d'un parcours génératif composé par des niveaux – fondamental, narratif et discursif –, la méthodologie sémiotique a toujours privilégié la cohérence de ses concepts, en cherchant à procéder à des ajustements dans son cadre théorique lorsque, à un de ces niveaux, surgissaient des instabilités qui compromettaient l'ensemble théorique. À la fin des années 1980, la thématique passionnelle, qui intéressait les études sémiotiques de l'époque, pointait la nécessité d'une amélioration dans l'ensemble épistémologique, cristallisée dans l'intérêt pour la recherche des éléments continus qui participent à la construction du sens. À partir de ces études, la notion de corps, laissée de côté par la Sémiotique en vertu du développement d'une théorie de l'action, au nom d'un formalisme et d'un logicisme qui ont régné sur la Linguistique structurale des années 1960, en vient à occuper une place de choix dans la théorie. Cherchant à établir un lien entre la notion de corps et d'actant, Jacques Fontanille considère que le corps, opérateur de la sémiose, est constitué par la chair et par le corps propre. La chair, appelée le moi, serait l'instance énonçante, responsable pour la prise de position dans le processus de sémiose. Le corps propre, que l'auteur nomme le soi, serait porteur de l'identité qui se construit dans le processus de sémiose et dans le développement syntagmatique de chaque sémiotique-objet. L'objectif de ce travail est de réfléchir sur la manière dont la notion de corps a été incorporée à la théorie Sémiotique et comment elle a été traitée par Jacques Fontanille.*

Mots-clés: *Actant, Champ positionnel, Corps propre, Énonciation, Présence*

Como citar este artigo

Prado, Maria Goreti Silva. O corpo próprio na semiótica. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: { <http://revistas.usp.br/esse> }. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 9, Número 1, São Paulo, Julho de 2013, p. 68-79. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 30/novembro/2012

Data de sua aprovação: 30/março/2013
